

# ASPECTOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Castelar de Carvalho\*  
UFRJ, ABF, ILP

## 1 – Panorama histórico-cultural

Para o Brasil, o século XIX começa verdadeiramente em 1808, com a chegada de Dom João VI e da Corte portuguesa, hábil retirada estratégica do Príncipe-Regente, em virtude da impossibilidade de enfrentar as tropas napoleônicas que invadiram a Península Ibérica. Com essa manobra política, D. João resguardou-se da humilhação de cair prisioneiro dos franceses e, ao mesmo tempo, preservou o Império Colonial português, que passou a ser governado a partir do Brasil.

A transferência da família real e do aparato administrativo da metrópole para o Rio de Janeiro trouxe profundas modificações ao estatuto de Colônia em que se encontrava o Brasil, elevado, a partir de 1815, à categoria de Reino Unido ao de Portugal e Algarves, decisão histórica que veio a se revelar o primeiro passo para a nossa posterior emancipação política, alcançada em 1822.

Aqui chegando, D. João promoveu, de imediato, a abertura dos portos ao comércio internacional, medida que provocou não só repercussões econômicas, mas também culturais, pois permitiu a entrada de um bem cultural importantíssimo: o livro, cuja importação e impressão eram proibidas durante todo o período colonial. Foi nessa época que surgiu o primeiro jornal brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que circulou até 1822. Como assinala Boris Fausto (2006:125),

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo administrativo da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural. O acesso aos livros e a uma relativa circulação de idéias foram marcas distintivas do período.

---

\* CASTELAR DE CARVALHO é professor adjunto (aposentado) de língua portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de livros e ensaios, membro da Academia Brasileira de Filologia e do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

Durante toda a sua permanência no Brasil, até 1821, D. João, aclamado rei em 1818 (após a morte de sua mãe, a rainha D. Maria I), lançou os fundamentos do que seria, após a Independência, o Estado nacional brasileiro, criando inúmeras instituições administrativas, científicas e culturais, dentre as quais merecem citação: as Escolas de Medicina e Cirurgia (Bahia e Rio de Janeiro), a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Academia Militar e a de Marinha, a Imprensa Régia, o Museu Nacional, a Biblioteca Real, embrião da futura Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes, o Jardim Botânico, a Escola de Comércio. Importantes órgãos da administração e da justiça também foram criados, como o Desembargo do Paço, o Conselho de Estado, o Banco do Brasil e o Real Erário, mais tarde Ministério da Fazenda.

O monarca português incentivou também a criação de manufaturas nos setores de tecido e de metalurgia, atividades antes proibidas na Colônia. Em 1816, a chegada da célebre Missão Artística francesa, integrada por importantes artistas plásticos e arquitetos, trouxe extraordinário impulso a esse setor cultural e constituiu o núcleo de instituições hoje consagradas, como o Museu e a Escola Nacional de Belas Artes. Destaque-se nessa Missão o nome de Jean Baptiste Debret, autor do livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, precioso testemunho sociocultural e iconográfico do nosso país nas primeiras décadas do século XIX.

Mas a principal consequência histórica da presença da Corte portuguesa no Rio de Janeiro foi a preservação da unidade política e territorial do Brasil, que escapou assim da fragmentação sofrida pelas ex-colônias da América espanhola. A importância histórica, política e cultural de D. João VI para o Brasil tem sido reconhecida e reavaliada nos últimos anos, pois, como afirma Hélio Vianna (1975:367),

D. João, Príncipe-Regente e Rei de Portugal, Brasil e Algarves, por ter propiciado e presidido a mais profunda transformação ocorrida em nossa História, a passagem da fase colonial para a independente, dela é magna figura, sem dúvida.

A maior parte das instituições implantadas por D. João VI foi preservada e ampliada durante o Primeiro e o Segundo Reinados. Em 1824, sob D. Pedro I, que proclamou a nossa Independência, outorgou-se a primeira Constituição do Brasil. Em 1827, foram criadas as Faculdades de Direito de Olinda e São Paulo, que passaram a formar a elite intelectual brasileira, fato que, sem dúvida, veio a repercutir na língua literária, contribuindo para aproximá-la da língua falada no Brasil pelos nossos escritores. Em 1828, organizaram-se os Conse-

lhos Gerais das Províncias e o Supremo Tribunal de Justiça, hoje Supremo Tribunal Federal. O conturbado e curto reinado de Pedro I (1822-1831) foi marcado por movimentos de contestação à autoridade central, mas o Brasil deles saiu incólume, preservando sua integridade política e territorial.

Durante o longo e profícuo reinado de D. Pedro II (1840-1889), pacificou-se o país, consolidou-se a unidade política nacional e aperfeiçoou-se a estrutura jurídica e administrativa do Estado. Importantes instituições culturais, criadas ainda no período da Regência Una de Araújo Lima (Marquês de Olinda), foram estimuladas ou ampliadas, como o Imperial Colégio de Pedro II (1837), “padrão de ensino humanístico para todo o país”, no dizer de Sílvio Elia (2003:148), o Arquivo Público (1837, hoje Arquivo Nacional) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), que foi, até o final do século XIX, a nossa mais importante instituição científica e literária, cujas sessões eram presididas, muitas vezes, pelo próprio Imperador.

Homem sábio e incentivador das ciências e das artes, Pedro II criou ou ampliou a Academia de Música, a Ópera Nacional, o Imperial Observatório, o Museu Histórico Nacional, a Biblioteca Nacional, a Academia Imperial de Belas-Artes, a Escola Politécnica. Essas importantes instituições, todas de caráter permanente, contribuíram para o incentivo da educação e da cultura entre nós, constituindo inestimável legado da Monarquia à República, implantada em 1889. Sob o regime republicano, já no final do século XIX, em 1897, foi fundada a Academia Brasileira de Letras, cujo presidente perpétuo é Machado de Assis, o grande romancista do Segundo Reinado.

É no século XIX que se acentuam as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, em que pese à alegada relusitanização do idioma após a chegada da Corte portuguesa em 1808. Apesar de as primeiras gramáticas de português publicadas entre nós valorizarem a vernaculidade, ressaltando a existência de um fundo lingüístico comum entre as duas modalidades da língua portuguesa, essas diferenças, sobretudo as prosódicas, lexicais e sintáticas (estas, em parte), suscitarão debates e polêmicas em torno da célebre questão da impropriamente chamada “língua brasileira”. Neste trabalho, vamos nos ater às características gerais que distinguem o léxico do português do Brasil empregado na língua literária pelos nossos principais escritores, a partir do Romantismo.

## **2 – A contribuição renovadora do Romantismo**

Domingos José Gonçalves de Magalhães é considerado o introdutor do Romantismo no Brasil, em 1836, com seu livro *Suspiros poéticos e saudades*. Maga-

lhães, Araújo Porto Alegre e outros lançaram a revista *Niterói*, na qual propunham uma renovação estética de cunho nacionalista para a literatura brasileira.

Nosso Romantismo coincidiu com o período pós-Independência, em que havia um forte sentimento de auto-afirmação nacionalista (uma das marcas dessa escola) e de lusofobia. Além disso, nossa formação étnica, histórica, nosso meio ambiente, nossa inclinação ao sentimentalismo e à sensibilidade, tudo contribuiu para que o Romantismo se adaptasse tão bem entre nós, tornando-se um movimento bastante popular, pois com ele identificaram-se profundamente, desde cedo, o gosto e a alma brasileira. Para nós, o Romantismo significou, sobretudo, a independência literária, propiciou o surgimento de várias gerações de homens de letras com o pensamento voltado para o Brasil e, no plano da linguagem, permitiu uma adequação maior entre a língua escrita e a língua falada.

No campo da poesia, destaca-se o nome do poeta maranhense Gonçalves Dias (1823-1864), autor da célebre *Canção do exílio*. Considerado o consolidador da escola romântica no Brasil, sua obra poética, a par do lirismo amoroso, caracteriza-se pelo nacionalismo, o culto da natureza e o indianismo, sendo ele autor de um dicionário da língua tupi.

Em carta a Pedro Nunes Leal, escrita em 1857, Gonçalves Dias (1959:826) reconhece a importância do estudo dos escritores lusitanos (“Que se estudem muito e muito os clássicos”), mas, coerente com a linha nacionalista do Romantismo, não se esquece de valorizar o português do Brasil: “A minha opinião é que, ainda sem o querer, havemos de modificar altamente o português”. E mais adiante, enfático: “E que, enfim, o que é brasileiro é brasileiro, e que *cuia* virá a ser tão clássico como *porcelana*, ainda que a não achem tão bonita”. A propósito, atente-se para a apossíclise “que a não achem”, colocação pronominal clássica, à lusitana, contrária à índole prosódico-sintática do português do Brasil, que nesses casos prefere a próclise: “que não a achem”. Trata-se de colocação freqüente nos nossos escritores do século XIX, sinal de que as ousadias lingüísticas do Romantismo tinham seus limites. Sinal também de que a tese da chamada “língua brasileira” nunca passou de um grande equívoco.

No campo da prosa romântica, destaca-se o nome do romancista cearense José de Alencar (1829-1877). Considerado o patriarca da literatura brasileira, seus romances fizeram extraordinário sucesso, originalmente em folhetins e depois sob a forma de livro. Além de abranger os grandes temas do Romantismo brasileiro, sua obra revela-se inovadora, incorporando termos indígenas e regionalistas, a par de uma sintaxe mais próxima do português falado no Brasil.

Na questão da linguagem, José de Alencar se destaca pelo esforço desenvolvido em prol da libertação dos rígidos cânones gramaticais lusitanos, batendo-

se pela defesa de um estilo brasileiro, mas dentro dos limites do sistema lingüístico português e não de uma suposta “língua brasileira”, absurdo que nunca lhe passou pela cabeça. Aliás, tanto no pós-escrito de *Diva* e de *Iracema*, quanto no prefácio de *Sonhos d'ouro*, a posição de Alencar revela-se bastante equilibrada, como lembra Gladstone Chaves de Melo (1972:23):

Em tais escritos, é bem de notar que nem uma vez falou em “língua brasileira”: sempre se refere à “língua portuguesa”. Fala, sim, em “dialecto brasileiro”, e em “abrasileiramento” da língua portuguesa. Reagiu, e quase sempre com assaz de razão, contra o purismo exagerado, contra a caturrice gramatical, contra a superstição do classicismo.

Por exemplo, antecipando um ponto de vista atual da ciência lingüística a respeito da colocação dos pronomes oblíquos à brasileira, justifica-se Alencar, no prefácio de *Senhora*, tratando a questão como um problema de estilística fônica e não propriamente de gramática, por se basear antes no ritmo e na harmonia da frase que na rigidez canônica: “A regra a respeito da colocação do pronome e de todas as partes da oração é a clareza e elegância, eufonia e fidelidade na reprodução do pensamento”.

No período que se segue ao Romantismo, iniciado em 1881, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1839-1908), livro que inaugura o Realismo entre nós, nota-se uma certa tendência para uma retomada do purismo lingüístico, para uma volta aos modelos clássicos da língua, sobretudo nos poetas parnasianos. Machado de Assis, que estreou durante o Romantismo, mas se firmou como o nosso maior escritor a partir do Realismo, mantém, contudo, uma posição bastante equilibrada no que diz respeito à questão da língua, como era, aliás, do seu feitio. Buscando o equilíbrio entre puristas e renovadores, Machado (1997:809, v. 3) pondera, no ensaio “Instinto de nacionalidade”, escrito em 1873: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum”. Mas a senda de liberdade criativa, aberta pelo Romantismo, estava consolidada, e seus postulados nacionalistas e libertários encontrarão ressonância nas propostas renovadoras do Modernismo de 1922.

### 3 – A língua literária no século XIX

A espinha dorsal de uma língua é o seu sistema morfossintático. Nesse sentido, as diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil praticamente

inexistem ou são mínimas. Nossas diferenças em relação à modalidade lingüística empregada pelos portugueses residem, sobretudo, nos planos do vocabulário cultural e da fonética ou, mais propriamente, no da prosódia (ritmo de fala mais rápido e tendência para a síncope das vogais pré-tônicas em Portugal). O plano da sintaxe, principalmente a de regência e a de colocação, também apresenta algumas diferenças específicas, mas a verdade é que o sistema lingüístico é o mesmo. Conclui-se, portanto, que os nossos escritores escreveram suas obras em língua portuguesa com estilo brasileiro. É esse estilo, que consagra o princípio da diversidade na unidade, que buscaremos apontar, em seu aspecto lexical, nas obras dos nossos principais escritores do século XIX, nas quais se destacam os chamados brasileirismos de origem indígena e africana.

**Tupinismos** – Foram largamente empregados pelos escritores românticos adeptos da corrente indianista, com destaque para Gonçalves Dias e José de Alencar. Gladstone Chaves de Melo (1981:43), em livro clássico, cuja primeira edição é de 1946, estima em cerca de 10.000 os vocábulos indígenas, a maioria de origem tupi, incorporados ao português do Brasil. Mais recentemente, Gladstone (1990:112) reduz esse número, “incluindo-se os topônimos”, para algo em torno de 4.500 tupinismos.

Os tupinismos encontram-se principalmente nos campos semânticos da flora (*abacaxi, carnaúba*), fauna (*araponga, capivara*), nos topônimos (*Abaeté, Guanabara*), antropônimos (*Araci, Ubirajara*), usos (*arapuca*), costumes (*moqueca*), crenças (*caipora*), doenças (*catapora*) e objetos de uso geral (*jacá*). Nos poemas épico-indianistas de Gonçalves Dias, a exemplificação já começa pelos próprios títulos: *Os Timbiras, I Juca-Pirama* (“Aquele que há de ser morto”), *O canto do piaga*.

Em *Os Timbiras*, encontram-se, dentre outros, os seguintes termos: *piaga* (pajé, feiticeiro; termo dos índios do Caribe, adaptado por Gonçalves Dias), *tupã* (raio, trovão, por extensão, deus), *cauim* (bebida à base de mandioca e milho), *pocema* (grito de guerra dos indígenas), *muçurana* (corda com que se amarrava o prisioneiro), *boré* (flauta de bambu). No *Canto do piaga*, aparecem: *anhangá* (demônio, gênio do mal), *manitô* (penates, espírito tutelar entre os índios da América do Norte; Gonçalves Dias, consciente da universalidade da corrente indianista entre os românticos, não se limitava aos nossos tupinismos), *maracá* (chocalho), *taba* (aldeia), *embira* (fibra de certas árvores, usada para tecer cordas), *cipó* (planta trepadeira), *coati* ou *quati* (mamífero carnívoro). Em *I-Juca-Pirama*, temos: *canitar* (penacho, cocar), *enduape* (fraldão de penas usado pelos guerreiros), *iverapeme* (também chamada de *tacape* ou *tangapema* = espécie de clava), *tapuias* (os antigos tupis). Trata-se de um

pequeno exemplário, que pode ser ampliado mediante consulta ao “Dicionário da língua tupi”, do próprio Gonçalves Dias (1959:843). Recomendamos, também, o *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, de A. G. Cunha (São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1978).

Em José de Alencar, os tupinismos são mais numerosos que em Gonçalves Dias e vêm acompanhados de notas explicativas. Algumas são minuciosas, revelando certa erudição etimológica resultante do trato com a língua dos índios. Nos romances indianistas de Alencar (*O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*), os termos indígenas desempenham importante papel estilístico, pois imprimem cor local aos episódios narrados, prestando-se a ousadas imagens poéticas e criando a verossimilhança estética própria do ideário romântico. O romance *Iracema*, aliás, é considerado um verdadeiro poema em prosa.

Os termos encontrados são designativos de plantas, animais, objetos, tribos, nomes próprios, etc. De *O guarani*, selecionamos: *Peri* (junco silvestre), *Ceci* (magoar, doer), *ticum* ou *tucum* (palmeira), *urutau* (coruja), *pitima* (tabaco), *inúbia* (trombeta de guerra), *tangapema* (tacape), *irara* (gato selvagem), *bororé*, *uirari*, *curare* (venenos), *guanumbi* (beija-flor), *sapucaia*, *pequiá* (árvores muito altas). De *Ubirajara*, extraímos, além do próprio título do romance, nomes próprios, como *Araci*, *Pojucã*, *Jandira*, *Juçara*; nomes da fauna e da flora: *nandu* ou *nhandu* (ema), *guaxinim* (pequeno mamífero), *manati* (peixe-boi), *jabuti* (réptil), *airi* (espécie de palmeira); objetos: *igaçaba* (pote de barro); costumes: *pocema* (grito de guerra); fenômenos naturais: *pororoca* (estrondo), dentre outros.

De *Iracema*, o mais popular romance indianista de Alencar, destacam-se os nomes próprios: *Araquém*, pai de *Iracema*, *Caubi*, seu irmão, *Moacir*, filho de *Iracema* e *Martim*. O nome da protagonista, forjado por Alencar, tem sua formação explicada no capítulo II, em forma de “etimologia poética”: “*Iracema* [de *ira* “mel” e *ceme* “lábios”], a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da *graúna* [ave de canto mavioso]. O favo da *jati* [espécie de abelha] não era doce como seu sorriso”. Encontram-se também topônimos (*Ceará* “canto da jandaia”), objetos (*camucim* “pote”), nomes da flora (*andiroba* “árvore que dá um azeite amargo”), da fauna (*sucuri* “serpente”), de acidentes geográficos (*Ibiapaba*, serra entre o Ceará e o Piauí), de rios (*Jaguaribe*), de costumes (*moquém* “assado na labareda”), de tribos (*Tupinambás*). São termos frequentes em *Iracema*, todos meticulosamente explicados por Alencar, que criou com o nome da personagem um anagrama de América. Nesse sentido, o nome *Iracema* pode ser entendido também como um símbolo do indígena americano.

Castro Alves (1847-1871), o poeta dos escravos, emprega também alguns poucos tupinismos, designativos, em geral, da natureza brasileira: *boré* (flauta de bambu, em “Jesuítas”), *juriti* (ave, em “A cruz da estrada”), *jaguar* (onça pintada, em “Saudação a Palmares”), *ouricuri* (palmeira, em “Virgem dos últimos amores”). No poema “A morte de Tapir”, Olavo Bilac (1865-1918), principal representante do nosso Parnasianismo, emprega diversos tupinismos: *enduape* (fraldão de penas), *urucu* (fruto vermelho), *aiucara* (colar), *uapi* (tambor), *acanguape* (cocar), dentre outros. Também no soneto intitulado “A Gonçalves Dias”, homenagem ao poeta maranhense, Bilac faz uso expressivo de termos como *tacape* (clava), *maracás* (chocalhos), *inúbia* (trombeta de guerra), *canitar* (penacho).

**Africanismos** – Substrato lingüístico transmitido pelo dialeto semicrioulo falado pelos nossos escravos, os africanismos têm pouca representatividade na língua literária, apesar de no século XIX já estarem, em sua maioria, incorporados à nossa língua corrente. Podem ser encontrados nas obras dos escritores do período, mas se trata de um uso episódico, e não deliberado e sistemático, como aconteceu com os tupinismos. Provavelmente porque os românticos, em sua busca da identidade nacional, tinham em mente apenas a valorização do elemento étnico brasileiro por excelência, que era, segundo eles, o índio. Mais tarde, já no século XX, é que os africanismos serão valorizados estilisticamente nos poemas de Jorge de Lima e Guilherme de Almeida, por exemplo. Coelho Neto também usou em suas obras inúmeros termos de origem africana. A partir da 2ª geração modernista (1930), já são mais frequentes os africanismos, como é possível constatar, por exemplo, nos romances de Jorge Amado.

Jacques Raimundo (1933) e Renato Mendonça (1935) fizeram estudos pioneiros a respeito do assunto, relacionando cerca de três centenas de vocábulos. Já para Gladstone Chaves de Melo (1990:110), esse número não passa de aproximadamente 250 africanismos, integrados e adaptados ao nosso léxico. De qualquer forma, um número bastante pequeno se comparado com os tupinismos. Mais recentemente (2001), a professora baiana Yeda Pessoa de Castro publicou pesquisa muito bem fundamentada, intitulada *Falares africanos na Bahia* (v. bibliografia). Apesar do título, os termos arrolados, em sua maioria, não se limitam à terra natal da autora, pois, na verdade, são de uso corrente em outras regiões do Brasil.

Encontramos africanismos esporádicos em alguns autores. Por exemplo, em Castro Alves, o substantivo *senzala*, no poema *A canção do africano*. No romance regionalista *O sertanejo*, José de Alencar emprega a palavra *samba*,

no cap. XV da 2ª parte. O termo *mucama* aparece no cap. XXI de *Ressurreição*, de Machado de Assis. Neste mesmo autor, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. LXVIII, encontram-se dois exemplos representativos: o “defunto autor” Brás Cubas usa o termo *moleque* para se referir a um ex-escravo seu, o Prudêncio. Este, por sua vez, emprega o termo *quitanda*. Observe, a propósito, como Machado recorre a um desvio gramatical de sintaxe, comum no português coloquial do Brasil, para poder reproduzir com fidelidade a fala espontânea do personagem: “Ainda hoje *deixei ele* [e não *deixei-o*] na *quitanda*, enquanto eu ia lá embaixo *na* [e não *à*] cidade”. O parnasiano Raimundo Correia (1860-1911) deu a um dos seus mais famosos poemas o título de *Banzo* (Nostalgia).

No cap. VI de *Brás Cubas*, Machado põe um africanismo na boca da personagem: “Ora, defuntos! respondeu Virgília com um *muxoxo* (gesto de enfado)”. Em *Quincas Borba*, cap. LXVIII, diz o narrador que “Maria Benedita estava nos seus *calundus* (de mau humor)”. Cumpre mencionar que muitas dessas palavras africanas, uma vez incorporadas ao nosso idioma, “vestiram-se à portuguesa morfológicamente”, como lembra Gladstone Chaves de Melo (1981:88). É o caso, dentre outros, do verbo *cochilar*, que aparece conjugado na tradução que Machado de Assis fez para o poema *The raven* (O corvo), de Edgar Allan Poe: “Mas como eu, precisando de descanso, / Já *cochilava*...”.

Os africanismos lexicais distribuem-se por diversos campos semânticos, representativos das múltiplas atividades desempenhadas pelos negros escravos, que tiveram um contato mais íntimo e mais duradouro com os senhores brancos do que os índios. Desse longo contato resultou a profunda influência africana na cultura brasileira em geral, assunto magistralmente estudado por Gilberto Freyre no livro clássico *Casa-grande & senzala*. Termos de uso corrente entre nós podem servir de exemplo, como: *acarajé, angu, babá, bangüê, bunda, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candomblé, camundongo, dendê, dengue, exu, fubá, Iemanjá, lundu, macumba, mandinga, marimondo, moleque, muxoxo, orixá, Oxum, quilombo, quitanda, quitute, samba, senzala, tanga, umbanda, vatapá, Xangô, xingar, zumbi*. Alguns podem ser encontrados nas obras da literatura brasileira do século XIX, mas não fazem parte de um ideário estético, conforme ressalvamos acima.

**Arcaísmos** – A tendência dos românticos para a evasão no tempo e no espaço levou-os, por motivação estilística, a empregar diversos arcaísmos, como se vê, por exemplo, no poema *Sextilhas de Frei Antão*, em que Gonçalves

Dias apresenta um repertório de termos arcaicos de diferentes fases da língua. Alguns exemplos: *agiolhar-se* (ajoelhar-se), *i* (ai), *arruído* (ruído), *assi* (assim), *aspeito* (aspecto), *bem quista* (bemvinda), *comemoração* (comemoração), *entonces* (então), *giolho* (joelho), *moimento* (monumento), *pera* (para), *praticar* (conversar), *rememrança* (lembrança), *soidão* (solidão), *sembrar* (semelhar), *valeroso* (valoroso).

Ainda de Gonçalves Dias, no poema *Dies irae*, temos: “Deus *ofeso* (ofendido)/Tira os olhos do mundo, e o mundo há sido”. Extraímos do *I-Juca-Pirama* os seguintes exemplos: “Aos golpes do *imigo* (inimigo)/Meu último amigo,/Sem lar, sem abrigo,/Caiu junto a *mi* (mim)”; “Não vil, não *ignavo* (preguiçoso),/Mas forte, mas bravo”; “No centro da taba se estende um terreiro,/Onde *ora* (agora) se aduna o concílio guerreiro”; “São *rudos* (rudes), severos, sedentos de glória”; “Não era *nado* (nascido) o sol quando partiste.”; “Entanto as mulheres com *leda* (alegre) *trigança* (pressa)...”. No poema *Tabira*, encontra-se o advérbio *mal* (no sentido de “gravemente”) modificando o adjetivo verbal *feridos*: “Hão-de os teus, acossados nas matas,/Malferidos, sangrentos, *ignavos* (fracos)...”. Aliás, Machado de Assis também recorreu a esse adjetivo composto, de sabor arcaico, no célebre soneto *A Carolina*: “Que eu, se tenho nos olhos *malferidos*/Pensamentos de vida formulados,/São pensamentos idos e vividos.”.

O advérbio arcaico *asinha* (depressa) aparece em *Queixumes*, também de Gonçalves Dias: “Não te fosses de mim tão *asinha*”. O mais expressivo emprego desse advérbio pelos românticos ocorre no comovente poema *Cântico do calvário*, de Fagundes Varela (1841-1875): “Escada de Jacó serão teus raios/Por onde *asinha* subirá minh’alma”. O verbo *arrear*, no sentido de “enfeitar”, foi empregado por Castro Alves no poema *Lúcia*: “Na formosa estação da primavera/Quando o mato se *arreja* mais festivo...”.

No simbolista Cruz e Sousa (1861-1898), no poema *Litania dos pobres*, encontra-se *aspeitos* (aspectos), termo usual em Camões: “Que trazeis magos *aspeitos*/e o vosso bando é de eleitos”. Alberto de Oliveira (1857-1937), parnasiano, também recorre a esse arcaísmo em um poema com título em latim (*Per tenebras* “Pelas trevas”): “Noite, à beira do mar. O vulto e *aspeito*/Do mar bem não se via.”.

**Neologismos** – No capítulo dos neologismos, destacam-se os poetas simbolistas. Visando a aproximar a poesia da música, um dos traços marcantes dessa escola, criam vocábulos que nem sempre obedecem às regras gramaticais ou à lógica semântica, uma vez que a preocupação primeira é traduzir

estados emotivos ou criar palavras impregnadas de sonoridade. É o caso, por exemplo, de Cruz e Sousa, em cujos poemas o léxico virtual é constituído de criações curiosas, formadas por substantivos abstratos: *crepusculamento*, *neblinamento*, *remotividade*, *silamento*, *tantalismo*, *triumfamentos*; adjetivos: dolências *beethovínicas*, garganta *bourbônica*, mar *espumaroso*, pureza *hostial*, céu *lirial*, meneios *pantéricos*, visões *volúpicas*, ocasos *purpurais*; verbos: *liriar*, *melancolizar*, *nirvanizar*, *notambular*, *tentaculizar*, *violinar*; advérbios: *pulverulentamente*, *soluçantemente*, *torcicolosamente*. Como se vê, Cruz e Sousa antecipa o emprego de um recurso estilístico que seria explorado mais tarde por Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, isto é, o da criação vocabular expressiva.

**Coloquialismos** – Como não podia deixar de ser, o léxico vernáculo da língua comum constitui a base expressional da nossa língua literária, mas a fala popular, ou como se diz atualmente, a oralidade, com suas inovações e seu colorido, encontra espaço em autores do período, conferindo ao texto um tom espontâneo e expressivo. Embora a maior parte dos exemplos aqui citados faça parte do discurso dos personagens e não do narrador, eles são válidos porque documentam no texto literário um aspecto da língua oral em uso no português brasileiro do século XIX.

*Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), um romance realista em pleno Romantismo, registra termos e expressões de uso corrente “no tempo do Rei”, ou seja, no período em que D. João VI esteve entre nós. Muitos dos exemplos a seguir permaneciam em vigor na época da publicação do romance: *alhada* (situação difícil), *arrenegar* (amaldiçoar), *carola* (beato), *capadório* (malandro), *escabriado* (desconfiado), *ganchos* (ganhos avulsos), *lambada* (pancada), *lambeta* (adulador, mexeriqueiro), *malquetrefe* (homem vil), *moafa* (bebedeira), *patuscada* (festa), *quebranto* (mau-olhado), *sarilho* (confusão), *súcia* (gente ordinária), *valdevinos* (vadio), *xilindró* (cadeia). Expressões e ditados populares também são freqüentes: *bater com a língua nos dentes* (cometer uma indiscrição), *botar panos quentes* (encobrir erros), *chorar na cama que é lugar quente* (arrepender-se de um erro), *com a boca na botija* (ser pego em flagrante), *casa de pasto* (restaurante, pensão), *mau-olhado* (inveja), *papa-missas* (indivíduo beato), *trepá-moleque* (penteado feminino), *ver estrelas* (sentir dor), *ver-se em calças pardas* (ver-se em apuros).

No romance *O cortiço* (1890), o escritor maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913), ao reproduzir a fala espontânea dos moradores da estalagem,

oferece diversos exemplos da linguagem popular, alguns reveladores da tendência à animalização dos personagens, própria do Naturalismo: *baiacu da praia, bestas no coito, galinha podre, grande besta, gente danada para parir, pedaço d'asno, perua choca, praga de piolhos, pareciam ratas, que vá para o diabo que a carregue!, sua vaca*, dentre outros. Às vezes, o discurso narrativo toma liberdades extremas, resvalando para a linguagem chula, como se lê no cap. XXI: “Exclamava uma delas, com o pequeno seguro entre as pernas a encher-lhe a *bunda* de chineladas”. Ou nesta outra, do cap. VIII: “– Sai daí, *safado!* Toca lá, no que quer que seja, que te arranco a pele do *rabo!*”. Nesse mesmo capítulo, o autor emprega, em seu próprio discurso, um coloquialismo: “Ele tinha “*paixa*” [regressivo de *paixão*] pela Rita”. A forte sensualidade animal presente no livro aparece em passagens como esta, do cap. XV, que descreve o ápice da relação sexual de Jerônimo e Rita: “E com um arranco de *besta-fera* caíram ambos prostrados, arquejando.”.

Em *Quincas Borba*, cap. L, Machado de Assis usa um termo coloquial para se referir a um personagem enfadonho: “O Siqueira é um *cacete*, mas paciência”. Neste mesmo romance, cap. CLXXIX, um dos personagens refere-se à loucura de Rubião empregando um coloquialismo irônico: “– Como vai o *gira* (o louco)? – O *gira* vai bem”. A propósito, é oportuno mencionar o estudo clássico de Mattoso Câmara Jr. (*Ensaio machadianos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979) a respeito dos termos “cão” e “cachorro” em *Quincas Borba*. Mattoso chama a atenção para o valor erudito do primeiro e o coloquial do segundo e mostra como Machado explora estilisticamente essa dicotomia lexical.

Outra fonte importante para o estudo da linguagem coloquial-popular empregada no Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XIX, são as peças do teatro de revista. Do livro *Arthur Azevedo: a palavra e o riso* (Rio de Janeiro: UFRJ/Perspectiva, 1988), de Antônio Martins de Araújo, extraímos os seguintes exemplos: *bilontra* (malandro), *bestunto* (cabeça), *canoa* (batida policial), *chínfrim* (ordinário), *mina* (mulher de malandro), *morcegada* (guardas-noturnos), *tribofe* (pessoa fracassada). Abundam também as frases feitas: *comer arara* (deixar-se enganar), *da pá virada* (indivíduo turbulento), *arranjar/fazer gancho* (arranjar-se na vida), *dar cabo do canastro* (assasinar alguém), *dar com a língua nos dentes* (cometer uma indiscrição). O linguajar caipira também aparece caricaturado na fala dos personagens de Arthur Azevedo (1855-1908): “O janjão foi recrutado/Para a Guarda Nacioná;/Onte eu vi *ele* fardado:/Parecia um *generá*”.

**Latinismos** – Embora a estética subjetiva do Romantismo rejeitasse o objetivismo da cultura clássica, o latim não deixou de exercer irresistível fascínio sobre os escritores do período, que empregaram em suas obras vocábulos eruditos de base latina incorporados ao português, a partir dos séculos XV e XVI (Renascimento). Às vezes, os latinismos são reproduzidos no original. Trata-se de termos ou expressões empregados com finalidade estilística de realce, de nobilitação do texto ou de prática da intertextualidade.

Em Gonçalves Dias, por exemplo, encontram-se, dentre outros: *gáudio* (alegria), *antiste* (sacerdote), *acerbo* (áspero), *álacre* (alegre), *álgido* (frio), *ignoto* (desconhecido), *estulto* (insensato), *miserando* (deplorável), *nefando* (execrável), *pulcro* (belo), *pávido* (medroso), *se aduna* (se reúne), *vesano* (insensato), *vate* (poeta). Alguns são compostos: *alvinitente*, *flamívomo*, *ignívomo*, *sitibundo*. Em *Iracema*, de José de Alencar, aparecem grupos nominais alatinados, formados com substantivos ou adjetivos eruditos do tipo: *copiosas libações* (ingestão abundante de bebida), *ádito* agreste (lugar rústico), mão *lesta* (mão ligeira), *umbria* das serras (lado sombrio das serras), *vetusta* floresta (floresta muito antiga), *crebros* soluços (soluços frequentes), *rúbido* olhar (olhar ardente), *ósculo* ardente (beijo ardente), *tépido* ninho (ninho acolhedor), *recôndito* sítio (lugar oculto), coração *pressago* (que tem premonição).

Em Fagundes Varela, no *Cântico do calvário*, lê-se: “Não mais! a areia tem corrido, e o livro/De minha *infanda* (medonha) história está completo”. Em Castro Alves, encontram-se: *túmidos* (inchados), *cerúleos* (azuis), *pávido* (medroso), *vetusta* (muito velha), *plangentes* (chorosos), *hibernal* (frio), *plaga* (praia, região). No poema *O nadador*, diz o poeta baiano: “O nadador intrépido/Vos toca as tetas *cérulas*...”. No *Navio negreiro*, encontramos *musa* [helenismo latinizado] *libérrima* e *lúgubre coorte*. Conhecido poema de Castro Alves tem seu título em latim: *Sub tegmine fagi* (Sob a sombra da faia).

Os parnasianos, que tinham como princípio estético o culto da Antiguidade Clássica, empregam latinismos adaptados ao vernáculo ou no original, como se vê nos títulos dos poemas de Olavo Bilac: *Via Lactea* (Via Láctea), *Abyssus* (Abismo), *Sahara Vitae* (Vidas no Saara), *Inania Verba* (Palavras inúteis), *Mater* (Mãe), *Vanitas* (Vaidade), *In extremis* (Nos extremos), *Requiescat* (Descanse), *Vulnerant omnes, ultima neecat* (Todas ferem, a derradeira mata). Em *Delenda Carthago* (Cartago deve ser destruída), Bilac recorre a diversos latinismos, designativos de termos bélicos: *pugna* (luta), machadinha *bipennata* (de dois gumes), *armipotente* (poderosa nas armas), *bucina* (trombeta militar), *eneatores* (tocadores de trombeta), férrea *squammata* (malha de ferro),

*gládio* (espada), *pilum* (dardo). Mesmo em um poema de cunho indianista, como *A morte de Tapir*, não faltam termos alatinados: *plúmbeo* sono, *crebro* murmúrio, árvore *anosa*, *púrpuras* [helenismo latinizado] ondeantes.

Raimundo Correia, outro parnasiano, também emprega latinismos nos títulos de seus poemas: *Coerulei oculi* (Olhos azuis). Em *Plenilúnio*, descreve a lua cheia usando adjetivos de base erudita: disco *argênteo*, *fúlgida* névoa, *feral* lume, *noctâmbula* aparição. As flores são *lunárias*, o perfume é *letal*, o poeta é *cogitabundo*.

Cruz e Sousa, representante máximo do nosso Simbolismo, cultivava um vocabulário erudito, muito ao gosto dessa escola, na qual os latinismos ocupam lugar de destaque, como se constata nos grupos nominais extraídos de seus poemas. Note-se a preferência pelos adjetivos proparoxítonos ligados à área sensorial, à música ou à religiosidade, traços marcantes da estética simbolista: beijo *níveo*, clarões *álacres*, consciências *nefandas*, fantasmas *noctívagos*, *frígidos* sarcasmos, *lácteos* rios, *lânguido* abandono, *mádidas* frescuras, óleos *cândidos*, *prelúdios* místicos, *rorida* camélia, *rútilas* fanfarras, risadas *van-dálicas*, *tábido* pecado, torturas *miserandas*, *trêmulos* violinos, torres *formidandas*. Substantivos ligados à religiosidade também são usados: *âmbulas* sagradas (vasos sagrados), *Foederis arca* (Arca da aliança), *Litania* [ladainha] *dos pobres*, *Regina coeli* (Rainha do céu). Do poema *Lua*, selecionamos: *clâmides* (manto; helenismo latinizado), finíssimas *dalmáticas* (túnicas), *flórido* noivado, *lânguidos* clarões, névoas *frígidas*, *prónubas* (de noiva) alvuras, *siderais abóbadas cerúleas*, tristeza *mórbida*. Na poesia de Cruz e Sousa, colhem-se latinismos quase que ao acaso.

Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), também simbolista, não satisfeito em empregar termos latinos nos seus poemas, inclusive nos títulos e nas epígrafes, latinizou o próprio nome de batismo, Afonso Henriques da Costa Guimarães. Em seu famoso poema *A catedral*, encontram-se expressões do tipo: catedral *ebúrnea*, *hialino* orvalho, *lúgubres* resposos, formadas com adjetivos eruditos de base latina. Em seus poemas, são comuns sintagmas nominais semelhantes: *áureo* palácio, luar *noctívago*, lírio *albente*, peito *miserando*, pássaro *canoro*. A poesia de Alphonsus, impregnada de religiosidade, apresenta diversas expressões do vocabulário litúrgico, como, por exemplo, *immaculata* (ímaculada), *magnificat* (enaltece), *responsorium* (responsório), *requiescat in pace* (descanse em paz).

O nosso Machado de Assis também cultivou seus latinismos no original, embora mais discretamente, conforme o seu feitio, por meio de citações ou dos títulos de capítulos de seus romances e contos. No seu caso, a motivação é

geralmente a prática da intertextualidade, estilema muito freqüente em suas obras. Por exemplo, em *Helena*, cap. XV, cita um verso da Bucólica III, 93, do poeta Virgílio: *Latet anguis in herba* (A serpente se esconde no arbusto). No conto “Teoria do medalhão” (*Papéis avulsos*), o pai, aconselhando o filho a usar citações latinas para tornar um discurso vazio mais “pomposo”, sai-se com este lugar-comum: *Si vis pacem, para bellum* (Se queres a paz, prepara-te para a guerra). Outras vezes, Machado cita o *Eclesiastes*, livro do Antigo Testamento, uma de suas leituras preferidas: *Nihil sub sole novum* ([Não há] nada de novo sob o sol; cap. 1, vers. 9), como se vê na crônica “Salteadores da Tessália”, em *Páginas recolhidas*. No *Brás Cubas*, o título do cap. LXXXIX é *In extremis* (Nos extremos). No célebre conto “O alienista” (*Papéis avulsos*), um dos capítulos intitula-se *Plus ultra* (Mais além). Em Quincas Borba, cap. CXI, cita a célebre frase de Júlio César: “*Alea jacta est*” (A sorte está lançada).

**Estrangeirismos** – Os empréstimos a línguas estrangeiras aparecem em várias obras publicadas no século XIX. Refletem as influências socioculturais sofridas pelo português do Brasil, sobretudo aquelas recebidas da França, os chamados galicismos, usados uns na grafia original, outros já adaptados ao nosso sistema ortográfico. Lembremos que foi na França que surgiram ou que dela se irradiaram as escolas literárias dominantes nesse século. Apesar de combatidos pelos puristas, muitos desses galicismos, de uso geral, acabaram por se incorporar à língua corrente, perdendo os falantes, com o tempo, a consciência de sua origem francesa. Alguns exemplos que podem ser encontrados nas obras dos escritores do período: *abajur*, *atelier*, *bibelô*, *bijou* (jóia), *buquê*, *chique*, *cocote* (meretriz), *coquete* (mulher vaidosa), *coupé* (carruagem), *croquete*, *detalhe*, *dossiê*, *elite*, *escroque* (vigariista), *nouveau-riche* (novo-rico), *pince-nez* (óculos), *peignoir* (vestuário feminino), *reclame* (anúncio publicitário), *restaurant*, *robe* (roupão), *toailete*, *tricô*, *vaudeville* (comédia ligeira), *vitrine*.

A literatura francesa exerceu uma influência muito forte sobre os nossos escritores. Em alguns romances de Machado de Assis, os títulos dos capítulos são escritos em francês, língua que ele dominava, a ponto de nela escrever poemas e cartas. Veja-se, por exemplo, o cap. VI de *Brás Cubas*: “Chimène, qui l’eût dit? Rodrigue, qui l’eût cru?” (Chimène, quem o teria dito? Rodrigue, quem o teria acreditado?; trecho de *El Cid*, de Corneille). Vê-se que Machado gostava de citar os autores franceses no original, estabelecendo com eles intertextualidade, mas adaptando-os às suas conveniências narrativas, como se pode

verificar no cap. VIII do livro acima citado: “La maison est à moi, c’est à vous d’en sortir” (A casa é minha, você é que deve abandoná-la), frase de Tartufe, personagem da peça homônima, de Molière. Em crônica de 7-3-1889, Machado (1997:517, v. 3) trata com humor a questão dos galicismos, apresentando alguns exemplos com o respectivo “sucedâneo” em português.

**Regionalismos** – A corrente regionalista é outra faceta importante do nacionalismo literário do Romantismo brasileiro. Acrescente-se a isto a tendência dessa escola para a evasão no tempo e no espaço, além da preocupação em exaltar a vida rural e as virtudes do homem do campo. José de Alencar, com o romance *O gaúcho* (1870), foi o primeiro a servir-se estilisticamente da linguagem regional. Aqui, transcreveremos exemplos do romance *Inocência*, de Alfredo d’Escragno Taunay (1843-1899), obra publicada em 1872, em plena vigência, portanto, do Romantismo, mas que apresenta traços fortemente realistas, em virtude de o seu autor ter vivido no sul de Mato Grosso durante o período em que participou, como oficial do Exército brasileiro, da Guerra do Paraguai.

O linguajar sertanejo caracteriza estilisticamente o ambiente físico e humano da região sul-matogrossense, aparecendo, às vezes, sob a forma de arcaísmos ou de termos deformados foneticamente. Alguns exemplos: *anarquia* (desmoralização), *anarquizar* (desmoralizar), *anicetos* (insetos), *ansim* (assim), *arruído* (barulho), *cangueiros* (pessoas inúteis), *caroável* (acostumado), *carreira* (trabalho), *casa de andar* (sobrado), *coco* (dinheiro), *data* (porção, certa quantidade), *doce* (açúcar, rapadura), *enfernizado* (com raiva), *entonces* (então), *estômbago* (estômago), *físico* (médico), *fundões* (lugares distantes), *gimbo* (quantia), *imundície* (grande quantidade), *lavrados* (jóias), *luxurias* (coisas supérfluas), *manducar* (comer), *mapiar* (tagarelar), *mofina* (sovina ou covarde), *percisão* (necessidade), *permissa* (promessa), *pinóia* (homem fraco), *pirilas* (pílulas), *rejume* (regime), *rufião* (namorador), *sabença* (conhecimento, sabedoria), *socavões* (lugares retirados), *sustância* (alimentação), *tutu* (pessoa influente), *trens* (objetos em geral), *talento* (importância, força física), *tento* (cuidado, juízo), *trabucar* (trabalhar), *vosmecê*, *mecê*, *vassuncê*, *voçê* (pronomes de tratamento).

**Léxico e estilo de época** – Além dos itens lexicais específicos arrolados ao longo deste trabalho, é possível identificar um vocabulário próprio, caracterizador de cada movimento literário existente no século XIX, pois as escolas e os poetas têm as suas preferências lexicais, que os identificam esti-

listicamente. Desse modo, parece-nos pertinente falar de um vocabulário “romântico”, digamos assim, ou “parnasiano” ou “simbolista”, conforme se verifica no breve levantamento abaixo apresentado. É importante notar a formação vernácula da maioria dos termos relacionados, reproduzidos aqui exatamente como aparecem nos textos pesquisados.

**Vocabulário romântico** – Aproxima-se da língua comum, apresenta um certo tom coloquial e reflete a subjetividade própria da escola. Distribui-se pelos campos semânticos dos sentimentos e sensações, da idealização da mulher amada, da natureza. Substantivos: *alma, amor, ânsia, anjo, beijo, berço, bosque, campa, crepúsculo, crime, cruz, compaixão, céu, coração, dor, Deus, delírio, desejo, donzela, êxtase, escuridão, floresta, febre, fibra, flor, insônia, ilusão, infância, lábios, laranjais, lua, luar, mãe, medo, morte, mancebo, manhã, noite, nuvem, olhos, orvalho, prazer, pranto, primores, pátria, peito, palmeira, primavera, riso, rola, sonho, sabiá, sangue, saudade, sepultura, sepulcro, sol, sombra, segredo, seio, tristeza, tarde, várzea, virgem, vida, volúpia*. Adjetivos: *ardente, audaz, alegre, bravo, ditoso, etéreo, escuro, forte, fraco, louco, lânguido, pálida, proscrito, sagrado, sombrio, solitário, triste, verde, venturoso*. Verbos: *amar, ansiar, brilhar, beijar, dormir, fitar, lutar, morrer, querer, viver*.

**Vocabulário parnasiano** – É mais erudito, ligado à mitologia e às artes plásticas. Devido à identificação da escola com a literatura clássica, registra-se a presença de vocábulos de origem grega ou latina. Alguns helenismos: *Anacreonte, Afrodite, argonautas, arcádio, Corinto, eco, Febo, heleno, Homero, Iônio, misantropo, musa, ninfa, Olimpo, pélagos, sátiro, Téocrito, Teos, zodíaco*. Latinismos (além daqueles já citados): *Baco, canora, divas, Ceres, fauno, ignota, límpida, Marte, mácula, moribundo, nívea, Netuno, pávido, plagas, serpe, tenebras, Vênus, vetusto, verba, vórtice, via, vesano*. No campo das artes plásticas, são freqüentes termos como: *alabastro, cinzel, estatuário, esmero, estátua, flores, gesso, lavrado, mimos, mármore, relevos, taça, templo, vasos*.

**Vocabulário simbolista** – Ligado à música, à captação de matizes e à religiosidade. Há preferência por vocábulos exóticos, por um léxico espiritualizado, tendendo ao misticismo ou transcendentalismo. Substantivos (alguns são abstratos no plural): *açucenas, arcanjo, ângelus, bandolins, brancura, bruma, cítara, claustro, cantos, catedral, desejos, distâncias, diluências,*

*eflúvio, epístola, Evangelho, fosforescências, formas, harpa, imortalidades, incenso, lua, lírio, luar, latescências, liturgia, longes, mirra, majestades, naves, neblinas, neves, plangências, quebranto, sonata, sacro, surdina, salmos, sacrário, solução, serenidades, solenidades, sonhos, sol, triunfamentos, violão, vozes.* Adjetivos: *arcangélico, alvo, azulado, augustas, branco, bíblica, búdica, hialino, castos, cristalinas, cândido, celestial, diluídas, errantes, ebúrneo, finas, fúlgidas, fluidas, funambulescos, gótico, letárgico, lívidas, leves, lirial, lácteo, místicos, níveo, neblinantes, nivasas, pulcro, purpúreo, sonora, sidéreo, sacro, tépidas, turvo, tantálicos, transfigurado, vaporosas, vagos, virgens.* Verbos: *alvarar, notambular, ondular, oscilar, tremer, transfigurar* (verbo-chave no Simbolismo). Advérbios: *amargamente, remotamente, noturnamente, pulverulentamente, soluçadamente, torcicolosamente* (os três últimos são neológicos).

#### 4 – Conclusão

O século XIX foi extremamente importante e decisivo para o Brasil, em muitos aspectos. Politicamente, preservamos nossa unidade e afirmamos nossa Independência como nação. Culturalmente, criamos uma literatura autônoma, genuinamente brasileira como expressão e afirmação estética dos nossos valores nacionais. Lingüisticamente, incorporamos e reelaboramos termos e maneiras de dizer que servem de expressão aos sentimentos e às aspirações do nosso povo, em sua diversidade étnica e cultural. A partir do século XIX, consolida-se o português do Brasil, nos diversos planos da língua. No caso do léxico, o levantamento aqui apresentado, embora sumário, oferece uma idéia geral do acervo empregado pelos nossos escritores dos Oitocentos, em seus variados aspectos, quer lingüísticos, quer estilísticos, e reafirma a existência de um idioma comum ao Brasil e a Portugal, vale dizer, língua portuguesa com estilo brasileiro. Oxalá este modesto artigo sirva de ponto de partida para a elaboração de futuros dicionários das escolas literárias e dos autores que pontificaram no Brasil ao longo do fecundíssimo século XIX.

#### 5 – Bibliografia

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

- ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo, EDUSP, 2006.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *História da língua portuguesa* (v. 5). São Paulo, Ática, 1988.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Alencar e a "língua brasileira"*. 3ª ed. Brasília, Conselho Federal de Educação, 1972.
- \_\_\_\_\_. "O português do Brasil". In: *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura/Fundação Rio Arte, 1990.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- PINTO, Edith Pimentel (org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos* (v. 1). Rio Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Renascença Ed., 1933.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Presença; Brasília: INL, 1976.
- VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo, Melhoramentos/EDUSP, 1975.

### **Literatura brasileira:**

- ALENCAR, José de. *Obras de ficção* (16 vol.). 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.
- ALVES, Castro. *Obra completa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Brasília, Ed. UnB, 1963.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 26ª ed. São Paulo, Martins, 1974.
- BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.
- CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.
- CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

MACHADO DE ASSIS. *Obra completa* (3 vol.). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1969.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Inocência*. 28ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

VARELA, Fagundes. *Poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1961.